



Leonardo Villar no filme *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, o grande vencedor da primeira edição da **Semana do Cinema Brasileiro**

O FESTIVAL
COMEÇOU COMO
SEMANA DO CINEMA
BRASILEIRO,
UMA IDÉIA DE PAULO
EMÍLIO SALLES
GOMES

GIOCONDA CAPUTO
EDITORA-ASSISTENTE DO CADERNO 2

Brasília, 1965. A UnB era o centro irradiador da cultura. Paulo Emílio Salles Gomes comandava o primeiro curso de cinema da Universidade. O governo militar estava de olho em tudo o que por lá acontecia. Professores são arbitrariamente demitidos. Outros se demitem em solidariedade. Paulo Emílio foi um deles. Mas antes mesmo de despedir-se de Brasília lançou a idéia de criar a Semana do Cinema Brasileiro. Ele achava que a cidade, que acolhia brasileiros de todos os cantos do país, era o cenário ideal para sediar um evento que colocasse a cara do Brasil na tela. Acertou em cheio.

Crítico, escritor e intelectual militante, Paulo Emílio Salles Gomes era realmente um homem à frente de seu tempo. Surpreendente sempre, só como um exemplo de suas idéias avançadas, ele convenceu o Conselho Diretor da Fundação Cultural da época de que o júri da Semana do Cinema Brasileiro não deveria ser composto por especialistas: "O cinema é interessante demais para ficar à mercê de seus críticos". Resultado: dois deputados, um arquiteto,

Festival com a cara de Brasília

um diplomata, um romancista, um violinista, uma professora de teatro, uma jornalista, um poeta, um professor de ginásio, um adido cultural de Embaixada estrangeira e o Secretário de Educação, foram os jurados. E escolheram bem. *A Hora e a Vez de Augusto Matraga*, de Roberto Santos, foi o grande vencedor.

Brasília, 1997. Se hoje estamos festejando a XXX edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro temos que reverenciar a figura de seu criador. A invenção de Paulo Emílio resultou no Festival que resistiu bravamente a chuvas e trovoadas, transformando-se no único espaço dedicado exclusivamente ao cinema nacional. Além de fórum privilegiado de discussões sobre o próprio cinema e políticas cinematográficas.

O Cine Brasília, que desde o primeiro momento sediou o evento, guarda muitas histórias. Testemunhou a ira de uma platéia que gritou contra a ditadura

militar, a censura, vaiou e aplaudiu sempre. Foi palco de performances delirantes de Glauber Rocha, de protestos de cineastas e de homenagens inesquecíveis.

O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro transformou-se no mais importante evento cultural da cidade. Mas se voltarmos os olhos para o passado vamos perceber que ele anda tímido demais. Para o próximo ano, os organizadores poderiam discutir, por exemplo, a ampliação da mostra de curtas em 35mm (que poderiam ser exibidos no mesmo local (e em outras salas de exibição da cidade) mas em horário diferente); a criação de mostras informativas de filmes de outros países; a distribuição de mostras especiais por toda a cidade que hoje dispõe de um circuito alternativo de exibição de primeira linha (Cinema Voador, Cines Academia, Dois Candangos e Cultura Inglesa); um espaço de exibição mais respeitoso para os filmes em 16mm; e a participação efetiva dos filmes brasilienses. E mais do que isso: criar uma data permanente para a realização do Festival. E que além de exibir muitos filmes incorpore um projeto de formação da cultura cinematográfica.

E se preciso for virar tudo de cabeça para baixo. E, se na hora H, faltar um pouquinho de coragem é só lembrar de Paulo Emílio Salles Gomes: "É em Brasília e através dela que se processará a unidade íntima e sem preconceitos da inteligência nacional".

OS VENCEDORES

1965
<i>A Hora e a Vez de Augusto Matraga</i> , de Roberto Santos
1966
<i>Todas as Mulheres do Mundo</i> , de Domingos de Oliveira
1967
<i>Proezas de Satanás na Vila do Leva-e-Tráz</i> , de Paulo Gil Soares
1968
<i>O Bandido da Luz Vermelha</i> , de Rogério Sganzerla
1969
<i>Memória de Helena</i> , de David Neves
1970
<i>Os Deuses e os Mortos</i> , de Ruy Guerra
1971
<i>A Casa Assassinada</i> , de Paulo Cesar Saraceni
1972, 1973 e 1974
O Festival não foi realizado nesses três anos
1975
<i>Guerra Conjugal</i> , de Joaquim Pedro de Andrade
1976
<i>Xica da Silva</i> , de Cacá Diegues
1977
<i>Tenda dos Milagres</i> , de Nelson Pereira dos Santos
1978
<i>Tudo Bem</i> , de Arnaldo Jabor
1979
<i>Muito Prazer</i> , de David Neves
1980
<i>Iracema, Uma Transa Amazônica</i> , de Jorge Bodansky
1981
<i>O Homem do Pau Brasil</i> , de Joaquim Pedro de Andrade
1982
<i>Tabú</i> , de Julio Bressane
1983
<i>O Mágico e o Delegado</i> , de Fernando Cony Campos
1984
<i>Nunca Fomos Tão Felizes</i> , de Murilo Salles
1985
<i>A Hora da Estrela</i> , de Suzana Amaral
1986
<i>A Cor do seu Destino</i> , de Jorge Duran
1987
<i>Anjos da Noite</i> , de Wilson Barros
1988
<i>O Mentiroso</i> , de Werner Schunemann e <i>Memória Viva</i> , de Octávio Bezerra
1989
<i>Que Bom Te Ver Viva</i> , de Lúcia Murat
1990
<i>Beijo 2348/72</i> , de Walter Rogério
1991
<i>O Corpo</i> , de José Antonio Garcia
1992
<i>Sampaku, O Olho da Ambição</i> , de José Joffely
1993
<i>Alma Corsária</i> , de Carlos Reichembach
1994
<i>Louco por Cinema</i> , de André Luiz Oliveira
1995
<i>O Judeu</i> , de Jom Tob Azulay
1996
<i>O Baile Perfumado</i> , de Paulo Caldas e Lírio Ferreira